

## **Aclimação... Décadas de 40 e 50<sup>1</sup>**

Yvonne Michel Blanco

Na minha infância, Aclimação era o melhor e mais bonito bairro da cidade de São Paulo. Aliás, ir até a “cidade” significava tomar o ônibus 17 e ir até o “centro”... Ponto Final: PRAÇA DA SÉ.

Já atravessar a pé sobre o VIADUTO DO CHÁ, era uma aventura que dava a deliciosa sensação de independência.

Quando surgiram os primeiros trólebus, os ônibus elétricos, foi uma farra. Mesmo caminhando um pouco mais no bairro, meus irmãos e eu preferíamos ir até a parada do 16 só pelo prazer de fazer uso dessa moderna condução.

A Avenida da ACLIMAÇÃO, depois Avenida DA ACLIMAÇÃO, larga, longa, em curvas amenas, era pavimentada com paralelepípedos e ainda mantinha em seu leito os trilhos dos antigos bondes que, infelizmente, não circulavam mais. Mas esses mesmos trilhos nos eram extremamente úteis. Sobre eles colocávamos tampinhas de alumínio dos litros de leite e aguardávamos, ansiosos, um automóvel, um ônibus ou caminhão passar suas rodas sobre elas. Milagrosamente, depois de amassadas, passavam a ser, em nossa imaginação, moedas para diversas brincadeiras.

As calçadas também eram bem largas e arborizadas. A Avenida terminava no JARDIM DA ACLIMAÇÃO – outra maravilha de nossa infância. Os portões de entrada, de ferro e imponentes; a alameda a seguir, repleta de eucaliptos altíssimos, circundava um grande lago. Do outro lado - o zoológico, com imensa variedade de animais. Nossos preferidos eram os macacos com suas caretas, guinchinhos e atitudes divertidas.

Na fachada de nossa casa, já na calçada, havia uma caixa de ferro, tipo baú, incrustada num pilar de alvenaria. Pelo lado de fora, nas várias divisões, podia-se ler: CARTAS-JORNAL-LEITE E PÃO. Cada fornecedor tinha a respectiva chave. Os horários de entrega variavam, mas o leite chegava sempre às quatro da madrugada. Suas garrafas de vidro, tilintando umas as outras, sempre me acordavam. Mas o ruído não me incomodava. Era como um som familiar no meio da noite. Pela manhã, às onze em ponto, o padeiro retornava, agora trazendo em sua carroça fechada, vários cestos com diferentes tipos de pãezinhos. Anunciava-se através de uma estranha corneta de borracha, uma espécie de buzina de ar. Mal ouvíamos esse som, íamos correndo até o portão escolher nossos lanches para a escola. Meus preferidos eram as cavacas e as cocadas.

Uma senhora gordinha de origem portuguesa, com uma cesta de vime equilibrada em sua cabeça passava anunciando com voz forte: “ovos frescos, ovos frescos, ovos frescos; quem quer comprar?”

---

<sup>1</sup> A Aclimação é um bairro da cidade de São Paulo. Tem sua origem em sítios e chácaras que existiam no século XIX. Em 1892, o médico Carlos Botelho, adquiriu uma área para constituir Parque da Aclimação, inspirado no *Jardin d'Acclimatation* de Paris. Até 1920 o parque era muito maior e uma atração da cidade. Na década de 1930 a área começou a ser loteada pela família Botelho e, posteriormente, foi adquirida pelo prefeito Prestes Maia, passando a pertencer à Prefeitura de São Paulo. O bairro foi crescendo ao redor do Parque da Aclimação. Nota dos organizadores. Texto recebido em 08/07/2022.

Aquele homem estranho empurrando um carrinho adaptado com rodas de bicicleta e um único pedal, soprando numa gaita de boca a escala musical: de dó a si e de si a dó, significava que ele podia amolar facas e tesouras e também ferramentas cortantes.

O verdureiro aparecia na boleia de sua carroça puxada a burro oferecendo suas verduras e frutas frescas.

Uma grande lata presa às costas, por uma correia de couro, era o tesouro de vendas de um espanhol velhinho. Dentro dela estavam os famosos bijus, deliciosos biscoitos longos, enrolados e extremamente finos. Numa das mãos ele sacudia uma tábua repleta de bolinhas de madeira amarradas umas às outras. Produzia um som intermitente e característico.

O homem do ferro velho puxava, ele mesmo, sua carrocinha de madeira e ia comprando até mesmo garrafas, graças ao seu berro forte “ferro velho, ferro velho, ferro velho”, sem pausas.

De todos os fornecedores, o mais curioso era uma espécie de pastor de cabrinhas; amarradas umas às outras com uma cordinha e todas com um sininho no pescoço. Ordenhadas, o leite era recolhido em uma grande jarra. Éramos obrigados a levar até ele nossos copinhos para que enchesse. Para os pais, o leite de cabra era tido como ótimo para ajudar no crescimento. Eu, particularmente, detestava, mas mesmos assim tomava.

Os sons da nossa infância foram os mais variados, mas tão marcantes, que mesmo hoje, chego a ouvi-los em minha memória.

A escola primária, “EXTERNATO MACEDO VIEIRA”, comandada por sua diretora-proprietária, dona FILHINHA, era um exemplo de ensino e a disciplina bastante severa.

Na Rua José Getúlio ficava a única farmácia do bairro. Santo Agostinho era seu nome comercial. A famosa Mitsuco, farmacêutica, era conhecida por todas as famílias. Uma espécie de paramédica, dedicadíssima, aplicando injeções à domicílio, a qualquer hora e, por essas razões, contando com toda nossa confiança.

As travessas da avenida foram aos poucos sendo asfaltadas. As mais planas (Esmeralda, a Safira e a Topázio) para as crianças, verdadeiras pistas de patins e bicicletas. Os meninos fabricavam, eles mesmos, seus carrinhos: uma longa tábua de madeira, uma menor e mais estreita como trave de direção, quatro rodinhas com pequenas esferas dentro estavam prontos.

O campinho de futebol foi promovido a pracinha, com o pomposo nome de General Polidoro, redonda, com chafariz e iluminando uma estátua central. À noitinha, ponto de encontro de adolescentes. Críticas espirituosas e inocentes dos meninos deixavam as meninas com seu “ego” lá em cima ou lá embaixo.

A inauguração do CINE CLIMAX, na Rua Espírito Santo, foi uma verdadeira festa. Até então, todas as salas de cinema encontravam-se no centro da cidade. Essa deliciosa diversão veio para pertinho de nós e estava sempre lotado.

O TÊNIS CLUBE PAULISTA, apesar de quase no bairro do Paraíso, merceia cansativas galgadas a pé – ladeiras para subir e mais ladeiras para descer. Os esportes, desde o tênis, passando pelo vôlei, futebol, basquete e natação, eram levados a sério: competições internas ou interclubes, eventos sempre concorridos.

O “MORRO”, como apelidamos o morro da Aclimação, foi pouco a pouco se transformando numa prolongação do bairro. Novas casas foram sendo construídas e o ponto culminante foi a edificação da Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. Padre Neves, além de rezar missas, dava atenção especial aos paroquianos. Assim, aos domingos, tínhamos mais uma programação prazerosa.

O nome das ruas do bairro era bastante curioso. De um lado da avenida estavam os planetas: Júpiter, Saturno, Urano... Do outro lado as pedras preciosas: Jaspe, Esmeralda, Safira, Rubi, Água, Diamante...

Das famílias, em que todos se conheciam, poderia citar um cem número, tais como CARVALHO PINTO, NOGUEIRA GARCÊS, SIMONSEM, DELFIM NETO, ANHAIA MELLO, GEBARA, ESPER, DAHER, CARDAMONTE, PINOTTI CHAVES, ESTEVEAUX e tantas outras que, como a nossa, tiveram a felicidade de lá passar parte de suas vidas. O mais ilustre morador do bairro foi, sem dúvida, Monteiro Lobato, uma figura ímpar. Recebia em sua casa, sempre com alegria, todas as crianças do bairro. A conversa era inteligente e divertida, além de nos presentear sempre com um de seus livros infantis.

Aclimação! – onde nasci.

Aclimação! – onde cresci.

Aclimação ! – onde me casei e onde fui mãe.

Ter respirado, por mais de trinta anos, esse ar puro infiltrado de solidariedade, sossego e muita paz, foi um pedaço do céu na terra.